

EDITORIAL

O ano de 2008 começou com uma seqüência de acontecimentos no setor rural. Se, nas lavouras, se intensificaram os trabalhos de colheita do milho e de monitoramento da soja, nos campos, a atenção esteve voltada para a vacinação do rebanho contra a febre aftosa. A campanha deve, pelo menos, igualar o percentual do ano passado, de 94%. Em meados de janeiro, quando a média histórica apontava para imunização de 40% do rebanho, o Rio Grande do Sul já contabilizava mais de 50% dos animais vacinados.

A necessidade de um trabalho sério na defesa sanitária animal foi reafirmada com o embargo imposto pela União Européia (UE) à carne bovina in natura brasileira. Mesmo sem problemas no sistema, os europeus decidiram suspender os embarques. Apesar de o bloqueio ser por razões comerciais, e não técnicas, a medida demonstra que é necessário manter e, preferencialmente, reforçar a ação.

Depois de um longo janeiro de poucas chuvas, os últimos dias do mês brindaram os agricultores com a ocorrência de precipitação, que amenizou o quadro de estiagem. Apesar de terem sido registradas perdas na lavoura do milho, estas estão concentradas em algumas regiões. Na soja, a preocupação agora é com a ferrugem asiática. A previsão é de produção cheia.

No campo político, a movimentação é contínua. O deputado Alceu Moreira foi empossado, no dia 31 de janeiro, na presidência da Assembléia Legislativa. Antes disso, esteve na Farsul, onde apresentou o plano de gestão da Casa. Outra visitante ilustre foi a senadora Kátia Abreu, que palestrou sobre o direito de propriedade e a derrubada da CPMF. Mas a articulação política não se limita às paredes da sede da Farsul. Foram inúmeras reuniões no interior, em Porto Alegre e em Brasília.

Com a volta dos embarques da Argentina, os problemas da cadeia do trigo devem ser amenizados. Isso não quer dizer que não existam pendências. Mas prosseguem as negociações entre os fumicultores e as empresas sobre o reajuste na tabela de preços. O Conselho Monetário Nacional (CMN) aprovou somente a prorrogação das dívidas relativas às operações dos Fundos Constitucionais de Financiamento do Norte, Nordeste e Centro Oeste e do Funcafé, que envolvem securitização I e II e os programas Especial de Saneamento de Ativos (Pesa) e de Revitalização de Cooperativas de Produção (Recoop). Ainda ficou pendente a prorrogação das dívidas de investimento de 2007, às quais estavam somadas as parcelas de 2004, 2005 e 2006. Nem tudo pode ser resolvido em um só mês e o trabalho prossegue em fevereiro.

Os ranchos e sua gente

Blau Souza*

São tantas as modificações no comportamento dos homens e das mulheres nos alvares do século XXI, que parecerá um despropósito tratar da vida nos ranchos espalhados pelo pampa gaúcho no século recém findo. Os agregados representaram uma adaptação funcional nas estâncias, quando léguas de campo necessitavam de postos, com gente de confiança, diluídos na planura verde. O agregado era um chefe de família que se instalava num rancho de torção coberto de Santa-Fé e se encarregava de recorrer campo cuidando da criação e de participar de rodeios, banhos de gado, apartes, marcações e tudo o mais que exigisse muitos e bons campeiros. Podia ter um cercado, vacas de leite e algum ordenado que às vezes era trocado por certo número de rezes diluídas no gado da estância. Além disso, podia domar, esquilar, tropear, para a estância e para terceiros, dependendo do acerto com o patrão. Não foi por acaso que a preocupação primeira das leis trabalhistas foi com as populações urbanas. O mesmo ocorreu com a previdência e a assistência médica, até porque não era no campo que estavam os grandes problemas no atendimento às necessidades básicas. Lindolfo Collor foi o vaqueano de Getúlio Vargas e chegaram leis necessárias, mas desestabilizadoras. As vantagens concedidas aos trabalhadores urbanos e as atrações oferecidas pelas cidades acentuaram o êxodo rural e o país, em pouco tempo, deixou de ser agro-pastoril. A educação dos filhos, luz, água e diversões ao toque da mão abalaram as ge-

rações nascidas nos ranchos de fundo de campo. Os mais velhos abandonavam o campo contrariados, mas o faziam para assegurar um futuro melhor aos filhos. E os donos de estâncias cada vez menores e com lavouras mecanizadas, folgavam em saber que seus agregados teriam filhos alfabetizados, trabalhando protegidos por legislação trabalhista e com assistências médica e previdenciária. O certo é que algumas gerações

Os homens não se escondiam no interior dos ranchos, nem na paz, nem na guerra e gerações se misturavam, sempre respeitando a experiência dos mais velhos. As aspirações imediatas dos jovens cavaleiros eram parecidas. O ambiente de camaradagem dava aos moços oportunidades que não eram compartilhadas pelas suas irmãs.

de peões e agregados se aqueceram nas estâncias por muitos anos e justificam estudos mais aprofundados e esta crônica. A diferença de sexo era muito importante para os nascidos nos ranchos de fundo de campo. Os homens desde a infância participavam das lides campeiras e se misturavam com os filhos dos patrões nos brincos e nas atividades no lombo do cavalo ou da rotina bruta da vida rural. Iam sendo bons campeiros pela evolução na lida, muito mais do que por ser filho do fazendeiro ou de seu agregado. Domar, pialar, carnear uma ovelha eram desafios vencidos a cada dia e a campo fora. Os homens não se escondiam no interior dos ranchos, nem na paz, nem na guerra e

gerações se misturavam, sempre respeitando a experiência dos mais velhos. As aspirações imediatas dos jovens cavaleiros eram parecidas. O ambiente de camaradagem dava aos moços oportunidades que não eram compartilhadas pelas suas irmãs. Os horizontes diminuíam quando as lidas eram femininas e dentro dos ranchos pobres com mobiliário improvisado, sem conforto e sem espaços livres. O aprendizado dependia da mãe, talvez da avó, e existia todo um amontado de preconceitos desautorizando a participação das filhas dos agregados no dia-a-dia da estância. A menos que houvesse interesse direto da patroa, ou comparecimento às aulas quando a estância tinha professora, as mulheres jovens permaneciam nos ranchos, lavando roupa, preparando a bóia e se escondendo do pessoal das casas. Noções de honra atávicas num mundo machista, o medo de que algum dos filhos do patrão ou alguém das casas da estância desonrasse as donzelas transformando-as em chinas de fundo de campo, explicam em parte a reclusão. O resto resulta da acomodação e da falta de recursos mínimos para bem se apresentarem nas casas da estância. Tendo apenas vivências de rancho, sem refinamento e contatos fora da família, era natural que as moças não tivessem a mesma desenvoltura que os rapazes. Ao migrarem para as cidades exerciam trabalhos informais e mal pagos; namoravam estranhos e muitas se prostituíam. Nos ranchos pela campanha, o sexo feminino realmente podia ser considerado frágil...

* Médico e escritor

EXPEDIENTE

SISTEMA FARSUL

Federação da Agricultura
do Rio Grande do Sul

Rio Grande do Sul

CASA RURAL
CENTRO DO AGRONEGÓCIO

FARSUL
Presidente:
Carlos Rivaci Sperotto
Vice-presidente:
Gedeão Silveira Pereira
Diretor Administrativo:
Francisco Lineu Schardong
Diretor Financeiro:
Jorge Rodrigues

SENAR-RS
Presidente:
Carlos Rivaci Sperotto
Superintendente:
Eduardo Delgado
Divisão Administrativa:
Carlos Alberto Schütz
Divisão Técnica:
Taylor Favero Guedes
Div. Planejamento e Projetos
Saulo Gomes

JORNAL SUL RURAL
Diretor: Décio Rosa Marimon
Jornalista responsável:
Marcela Duarte (MTB 9.870)
Fotos: Fabrício Barreto, Luiz Ávila
e arquivo
Colaboração:
Alessandra Bergmann
Circulação Mensal
Tiragem: 32.000 exemplares

Administração, redação e comercial: Praça Saint Pastous, 125 - Fone: (51) 3214.4400
Fax: (51) 3221.9113 e-mail: sulrural@farsul.org.br - Porto Alegre/RS - Cep 90051-170